

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Bruna da Silva Cardoso

A SUSPENSÃO TELEOLÓGICA DO ÉTICO EM TEMOR E TREMOR

Brasília

2013

Bruna da Silva Cardoso

A SUSPENSÃO TELEOLÓGICA DO ÉTICO EM TEMOR E TREMOR

Monografia apresentada ao curso de graduação em Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Gimenes

Brasília

2013

Bruna da Silva Cardoso

A SUSPENSÃO TELEOLÓGICA DO ÉTICO EM TEMOR E TREMOR

Monografia apresentada ao curso de graduação em Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

Aprovada em ____/____/____

Banca examinadora

Dr. Márcio Gimenes de Paula – UnB (orientador)

Dr. Agnaldo Cuoco Portugal – UnB

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Jacileide por todo apoio e incentivo durante todos esses anos. Ao meu pai Joel, por suas brincadeiras, que mesmo sendo bem irritantes, foram capazes de me distrair nos momentos de maior tensão, e por seu apoio, mesmo que o tenho feito de modo silencioso, isso significou muito. Ao meus tios Joelma e Jailzon e meu avô Antônio, que sempre vieram em meu auxílio nos momentos mais complicados.

Agradeço ao meu namorado Jefferson pelo companheirismo, pelo carinho e por sua enorme paciência durante a realização desse trabalho, sua disposição em ouvir minhas aflições e aguentar todos os surtos.

Agradeço especialmente ao professor Márcio Gimenes, meu querido orientador, cuja paciência, amabilidade e conhecimento foram fundamentais para a conclusão desse trabalho.

Agradeço à minha grande amiga Larissa por todos esses anos de cumplicidade, puxões de orelha e conselhos de grande sabedoria, pelas prazerosas tardes de conversas jogadas ao vento regadas a guloseimas e músicas de excelente qualidade. E a Ana Clara cuja cantoria nada afinada, companhia e conversas foram capazes de me alegrar por todo esse tempo.

E agradeço aos meus amigos: Ruth pelos cafés e deliciosas conversas; Lennon Noleto a alegria das minhas tediosas manhãs; Carlos Pulen por sua sabedoria, conselho e carinho; Maria Luíza que compartilhou das mesmas aflições; Pedro, Bruno, Vívian, meus amados vizinhos que sempre estiveram presente nos momentos mais importantes da minha vida.

RESUMO

Explicar como a ética é suspensa quando a fé está envolvida, como Kierkegaard aborda e desenvolve esse assunto. Abraão mostra na sua radicalidade a situação de um homem religioso que deixa de lado toda sua razão, a ética, para cumprir uma ordem dada por Deus, onde deverá entregar em holocausto seu filho amado. A partir do momento em que Abraão, como um cavaleiro da fé, resolve atender a essa ordem em nome da fé, seu princípio ético, seu dever de pai, de proteger o filho é deixado de lado, o que poderá levá-lo a matar seu filho em nome de Deus.

Palavras- chave: Kierkegaard. Abraão. Fé. Ética. Cavaleiro da fé.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 AS DÚVIDAS DE ABRAÃO	9
1.1 Elogio a Abraão	14
2 DEVER PARA COM DEUS	19
3 SUSPENSÃO TELEOLÓGICA DO ÉTICO	29
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Søren Kierkegaard foi um filósofo e teólogo dinamarquês que criticava fortemente tanto o hegelianismo do seu tempo quanto o que designava como as formalidades vazias da Igreja da Dinamarca. Grande parte da sua obra versa sobre as questões de como cada pessoa deve viver, focando sobre a prioridade da realidade humana concreta em relação ao pensamento abstrato, dando ênfase à importância da escolha e compromisso pessoal. A obra inicial de Kierkegaard foi escrita sob vários pseudônimos que apresentam cada um deles os seus pontos de vista distintivos e que interagem uns com os outros em complexos diálogos, diálogos estes que podem durar vários livros. Cada pseudônimo é utilizado para explorar pontos de vista particulares em profundidade, e a Kierkegaard, ou outro pseudônimo, cabe fazer uma crítica a essas posições.

A obra *Temor e Tremor* é um exemplo da forma como os pseudônimos são utilizados pelo autor. É uma obra que foi publicada em 1843 sob o pseudônimo de Johannes de Silentio, que trabalha em uma perspectiva de cunho religioso onde Kierkegaard apresenta a figura bíblica de Abraão, que é o homem ético, que na medida em que se coloca a acreditar em Deus, dá o salto da fé, onde vivencia o crer sem ver, e vive esse salto pela experiência do próprio Deus.

A base desse projeto será como a relação entre ética e fé é dada no pensamento de Kierkegaard a partir da obra *Temor e Tremor*, utilizando questões como: a suspensão teleológica e a história de Abraão abordados na obra do autor. Seria a ética algo não aplicável no âmbito da religião ou esta possuiria uma ética própria com princípios que “divergem dos que conhecemos”? Kierkegaard apresenta o argumento da Suspensão teleológica do ético e expõe o fato de que a fé é algo que está além dos preceitos éticos, e a história de Abraão é o exemplo utilizado para confirmar tal tese.

A obra *Temor e Tremor* aborda um tema que é presente na realidade, quando a figura do homem ético, que é representada por Abraão dá o salto da fé ele salta da

razão e da ética para o plano absoluto, que é um local onde o entendimento é cego. Abraão mostra na sua radicalidade na situação de um homem religioso que deixa de lado toda sua razão, a ética, para cumprir uma ordem dada por Deus, onde deverá entregar em holocausto seu filho amado. A partir do momento em que Abraão resolve atender a essa ordem em nome da fé, seu princípio ético, seu dever de pai, de proteger o filho é deixado de lado, o que poderá levá-lo a matar seu filho em nome de Deus.

Essa relação do abandono da ética por causa da fé é algo que deve ser esclarecido, pois se a fé possui diretrizes éticas próprias, ou se não possui uma ética, o que impediria os praticantes de uma religião de realizarem atos como o de Abraão, ao ponto de submeter o filho ao sacrifício? O “dever para com Deus” é motivo para que a ética seja abandonada das práticas religiosas? São essas questões que ainda são vistas atualmente, que haverão de ser respondidas a partir de um embasamento teórico.

1 AS DÚVIDAS DE ABRAÃO

Temor e Tremor é uma obra publicada em 1843 sob o pseudônimo de Johannes de Silentio.

Alaistair Hannay e Gordon D. Marinho em *The Cambridge Companion to Kierkegaard*, diz que *Temor e Tremor* é uma crítica contundente ao cristianismo culto e popular da época de Kierkegaard, e é também um lembrete sobre o desafio primitivo da fé cristã. A escolha da figura bíblica de Abraão seria uma forma de crítica a essa forma de cristianismo.

Johannes de Silentio, segundo Alaistair e Gorodn, retrata Abraão como o “cavaleiro da fé” em um momento onde durante seu encontro com a ordem divina se enche de terror. E Johannes, pseudônimo de Kierkegaard, utilizaria isso como um “antídoto” para a letargia espiritual da época.

Sara era uma mulher estéril e não poderia dar filhos a Abraão, esse fato era motivo de vergonha e comentários, pois era algo que estava fora dos costumes. Tendo isso em mente Sara tenta dar a Abraão um filho, mesmo não sendo dela que irá nascer a criança: “Sarai, mulher de Abrão, não lhe tinha dado filhos; mas, possuindo uma escrava egípcia, chamada Agar, disse a Abrão: “Eis que o Senhor me fez estéril; rogo-te que tomes a minha escrava, para ver se, ao menos por ela, eu posso ter filhos”. Abrão aceitou a proposta de Sarai. Sarai tomou, pois sua escrava, Agar, a egípcia, passados dez anos que Abrão habitava a terra de Canaã, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido. Este aproximou-se de Agar e ela concebeu.” (Gênesis 16, 1- 4)

John Lippitt em *The Routledge Philosophy GuideBook to Kierkegaard and Fear and Trembling* diz que o significado do livro do Gênesis não pode ser subestimado, principalmente pelo fato de que cinquenta capítulos do primeiro livro da Bíblia falam sobre Abraão e sua família. E depois de muito tempo Sara sugere que Abraão tenha um filho com Agar, sua escrava egípcia. Nasce

Ismael quando Abraão está com oitenta e seis anos. Aos noventa anos Sara dá a luz a um garoto chamado Isaac.

Abraão durante sua longa vida não teve filhos e, na velhice, Deus o presenteia com o nascimento de Isaac. Porém, Deus exige que Abraão ofereça seu único filho a quem ama Isaac, em holocausto – e tal holocausto significa que Abraão terá que degolar Isaac e queimá-lo até que seja reduzido a cinzas-.

Depois disso, Deus provou Abraão, e disse-lhe: “Abraão!” – “Eis- me aqui”, respondeu ele. Deus disse: “Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac e vai à terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar.” (Gênesis 22, 1-3)

A ordem divina faz com que Abraão seja posto diante de uma difícil escolha: levando em consideração o fato de que Isaac era seu único filho e que Abraão tinha idade avançada, se obedecer à ordem divina ele irá acabar com a descendência, por outro lado, se não cumprir a ordem divina, estaria traindo a Deus, e assim se tornando indigno de ser pai de uma nação, seu nome havia mudado por conta de tal profecia. “De agora em diante não te chamarás Abrão, e sim Abraão, porque farei de ti o pai de uma multidão de povos.” (Gênesis 17, 5)*

Isaac era o filho que lhe fora prometido por Deus, fora concebido já na velhice de seus pais. Abraão sabia que se sacrificasse seu amado filho Isaac, Sara não poderia conceber outra criança devido a sua idade. Apesar dessa difícil escolha, Abraão levanta ainda de madrugada, sela seu jumento, prepara a lenha para o holocausto, leva Isaac consigo e nada diz a Sara.

Saem de viagem Abraão, Isaac e dois servos, era uma longa viagem, durante os primeiros três dias de viagem Abraão permaneceu em silêncio e na manhã do quarto dia avistou o monte que fora indicado por Deus. Mandou que os dois servos ficassem com o jumento e subiu a montanha sozinho com Isaac e profetiza a volta de ambos dizendo: “Ficai aqui com o jumento, disse ele aos seus servos; eu e o menino vamos até lá mais adiante para adorar, e depois voltaremos a vós.” (Gênesis 22, 5-6). Isaac carregou nos ombros a lenha para o próprio holocausto, e quando Abraão é questionado sobre a ovelha para o

*Abrão quer dizer: pai elevado e Abraão significa: pai de uma multidão.

holocausto diz que Deus a providenciaria e continuam a caminhar até chegar ao local do sacrifício, então Abraão amarra Isaac em silêncio e empunha a faca para imolar seu filho, é quando o mensageiro aparece impedindo que Abraão o sacrifique. Pai e filho retornam, assim como tinha sido profetizado por Abraão.

Por todo o caminho Abraão permaneceu em silêncio, profetiza para seus servos que irá retornar junto a seu filho, quando é questionado por Isaac a respeito do cordeiro para ser imolado, diz que Deus irá providenciar e de fato Deus o faz, após ser impedido pelo anjo mensageiro de imolar seu filho, Abraão avista um cordeiro que está com os chifres presos nos espinhos e o oferece em holocausto no lugar de Isaac. Ao retornar do monte após o ocorrido, era como se Abraão recebesse a graça de ter um filho pela segunda vez.

O que poderia acontecer se Abraão agisse de outra forma? E se a ordem divina não fosse cumprida? Se ao invés de caminhar silenciosamente Abraão revelasse a seu filho Isaac o que iria acontecer e no momento do sacrifício torna-se o objeto de sacrifício e libertasse o garoto para que sua descendência fosse mantida?

John Lippitt, em *The Routledge Philosophy Guidebook to Kierkegaard and Fear and Trembling*, diz que Johannes de Silentio se fascina com essa parte da história, que é o “teste” que Deus faz com Abraão, esse teste da fé é o que de fato o fascina, assim como o que acontece no monte Moriá. Ele também diz que há uma boa razão para achar que esse homem é o próprio Johannes, criança que se impressionou com a bela história e depois que envelheceu leu a história com grande admiração, outro fato que reforça tal ideia é que Johannes se descreve como um não filósofo e esse homem é descrito como alguém que “não é um exegeta erudito”.

Em *Temor e Tremor* Johannes de Silentio diz que há um homem que queria ter participado dessa caminhada que Abraão fez por três dias para chegar ao local do sacrifício, gostaria de ter sido testemunha de tal acontecimento. “Esse homem não era um exegeta erudito e não sabia hebraico; soubesse ele hebraico, e talvez tivesse entendido facilmente a história e Abraão”¹. O autor diz isso como se fosse possível entender toda a

¹KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 57.

história como o próprio Abraão sabendo apenas hebraico, entender o ato de Abraão é algo que só pode ser entendido através da fé, e a fé é algo que não se pode ensinar a alguém. A fé, segundo Kierkegaard é algo que não é capaz de ser explicada pela lógica.² Apesar disso, não é algo que pode ser considerada ilógica.

Fé requer apegar-se aquilo que não pode ser atingido pela percepção dos sentidos ou pela lógica sozinha, indutivamente ou dedutivamente. Fé é alegre e consensual afirmação da mente, coração e vontade à verdade do que não é visto empiricamente: a auto-revelação de Deus. Fé é visão espiritual – e não cegueira espiritual. Ela vê aquilo que está escondido do aparelho sensorial; é a contemplação do invisível.³

Ricardo Quadros Gouvêa, no seu livro *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução a Kierkegaard*, nos fornece uma “explicação” ao que pressupõe ser a ideia cristã de fé. Essa fé pressupõe uma forma de conhecimento objetivo, pois presume a verdade do que é conhecido e não é algo que vai contra a razão. Não podemos dizer que a fé não possui ou vai contra a razão, ela vai além e é capaz de alcançar acima da razão e jamais pode ser assimilada por meio de categorias racionais. E essa é uma questão importante para Kierkegaard, Gouvêa diz: “Assim, ainda que aceitação intelectual ou compreensão objetiva das doutrinas proposicionais não sejam o todo da fé, permanecem como um de seus aspectos elementares. Por certo, conhecimento e compreensão de uma confissão de fé objetiva é apropriada, recomendável e desejável. Mas fé envolve confiante afirmação da pessoa toda, não apenas da mente. A confiança absoluta implícita na ideia de fé vai muito além de critérios racionais.”⁴

²Ricardo Quadros Gouvêa diz que a Fé é algo que não pode ser explicada pela lógica, ou seja, ela não é objetiva, e ao mesmo tempo não pode ser considerada como sendo ilógica. Como é dito em seu livro *Paixão pelo Paradoxo*: “A ênfase na confiança e na relação pessoal subjetiva não minimiza a confiança objetiva da fé cristã do indivíduo. A ideia cristã de fé *pressupõe* que aquilo em que se acredita é verdadeiro e digno de confiança. Fé pressupõe a verdade daquilo que é conhecido (e assim um tipo de conhecimento objetivo). Não se pode ser salvo por algo que não é verdadeiro. Fé não é uma presunção cega de algo contrário à razão. Mas não sendo sem ou contra a razão, a fé alcança acima e além da razão, e nunca pode ser assimilada em categorias racionais”. É algo que se a pessoa possui poderá entender o que levou Abraão a cumprir a ordem divina.

³ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã*. Fonte Editorial. 2006. P. 150.

⁴ *Ibidem*. P.150.

Johannes de Silentio apresenta quatro diferentes versões que imaginou esse homem para o sacrifício de Isaac, tal como contado em Gênesis 22.

Na primeira versão, há a ida de Abraão para o monte indicado para o sacrifício, ele permanece em silêncio durante todo o caminho, e não esconde de Isaac o que irá acontecer. O garoto implora pela vida, mas Isaac não é capaz de entender o que está acontecendo. Abraão prefere que Isaac o veja como um monstro ao invés de perder a fé em Deus:

Quando um filho deve ser desmamado, a mãe tinge o seio de negro, pois até seria pecado que o seio ainda parecesse deleitoso quando o filho já não pode recebê-lo. Assim, o filho acredita que o seio se modificou, mas a mãe é a mesma, o olhar amoroso e terno como sempre. Feliz é aquele que não recorreu a meios mais terríveis para desmamar o seu filho!⁵

Na segunda versão, Abraão segue todo o caminho com os olhos baixos durante três dias, no quarto dia olha para cima apenas o necessário para localizar o monte e baixa o olhar novamente. Quando chega ao local do sacrifício amarra Isaac e avista o cordeiro que Deus havia escolhido, oferece o animal como sacrifício e retorna com o garoto, mas seu olhar possui apenas tristeza. Isaac cresce, mas Abraão não é capaz de esquecer o que Deus lhe ordenou: “Quando o filho cresceu e deve ser desmamado, a mãe esconde o seio como uma virgem e assim o filho já não tem mãe. Feliz é o filho que não perde a mãe de outro modo!”⁶.

A terceira versão acontece após o sacrifício, Abraão pede perdão a Deus pelo grande pecado que cometeu por ter esquecido seu dever principal como pai e por pensar em sacrificar o próprio filho. Abraão não era capaz de entender como poderia ser pecado querer oferecer a Deus o que possuía de melhor.

Quando o filho deve ser desmamado, também a mãe não é poupada à mágoa de ficarem mãe e filho cada vez mais apartados; o filho que primeiro estivera debaixo do seu coração, e entretanto repousara mais tarde contra o peito, deixará de estar tão perto. Sofrem assim juntos a breve mágoa. Feliz é a mãe que conserva o filho assim tão perto e mais não necessitou de sentir mágoa!⁷

⁵ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 59.

⁶ Ibidem. P.60.

⁷ Ibidem. P.62.

Na quarta versão, Abraão e Isaac vão ao monte Moriá juntos e em harmonia, Abraão prepara tudo com calma, mas na hora do sacrifício Isaac vê que as mãos de seu pai tremem, ele vê que seu pai tem medo, e por causa disso Isaac perde a fé. Isaac não contou o que viu e Abraão pensava que ninguém tinha visto o que acontecera: “Quando o filho deve ser desmamado, a mãe tem à mão comida mais forte para que o filho não morra. Feliz é aquele que tem à mão comida mais forte!”⁸

Esse homem imaginou essas e outras formas para tentar compreender a atitude de Abraão. Então, percebe que ninguém é capaz de entender a escolha feita por ele, percebe também que ninguém poderá se igualar a ele ou até mesmo entendê-lo. Por isso, deve-se fazer um elogio a Abraão.

1.2 Elogio a Abraão

Não há como alguém repetir o grande ato que foi feito por Abraão, podendo apenas lembrar o que foi feito por ele, o laço que Abraão estabelece com Deus faz com que ele seja lembrado. Kierkegaard diz que é necessário um elo que ligue o homem ao sagrado, caso contrário a vida seria tomada pelo esquecimento. E devido a isso: “Deus criou o homem e a mulher, concebeu o herói e o poeta ou o orador.”⁹ Eles são o elo que faz com que os acontecimentos não caiam no esquecimento.

O herói é aquele capaz de atos grandiosos e o poeta canta os feitos do herói e as belezas, uma vez que não pode imitar os atos do herói, limita-se a cantar seus feitos lembrando a todos sobre fatos que já ocorreram, impedindo que estes caiam no esquecimento, pois tudo o que canta é sobre algo que já aconteceu, que já foi feito. O herói deve admirar o poeta, pois, seus atos são lembrados e admirados graças ao poeta, que vai de porta em porta cantando e declamando para que todos saibam do ocorrido e possam admirar o herói.

⁸Ibidem. P.63.

⁹Ibidem. P.65.

Johannes diz que pessoas como Abraão, que fazem um grande ato, não são esquecidas e são grandes de duas formas: são grandes à sua maneira e são grandes pela maneira que amaram. Aqueles que amaram a si mesmos são grandes pelos seus próprios meios, os que amaram os homens tornaram-se grandes por causa de sua dedicação para com ele, mas aquele que amou a Deus tornou-se maior do que todos, é por causa disso que Johannes considera Abraão o maior de todos os homens:

Todos serão lembrados, mas todos se tornaram grandes na razão das suas expectativas. Houve um que se tornou grande por esperar o possível; outro por esperar o eterno; mas quem esperou o impossível tornou-se maior do que todos. Todos serão lembrados, mas todos se tornaram grandes na razão da grandeza contra a qual combateram. Pois aquele que combateu o mundo tornou-se grande por ter dominado o mundo, e aquele que combateu consigo próprio tornou-se maior por se dominar a si próprio; mas aquele que combateu Deus tornou-se maior do que todos. Assim se travou combate no mundo, homem contra homem, um contra mil, mas quem combateu Deus foi maior do que todos. Assim se travou combate na terra: houve quem tudo dominasse pela força e houve quem dominasse Deus pela fraqueza. Houve quem contasse consigo mesmo e tudo vencesse, e houve quem estivesse seguro da sua força e tudo sacrificasse, mas aquele que acreditou em Deus tornou-se maior do que todos. Houve quem fosse grande pela sua força e quem fosse grande pela sua sabedoria, e houve quem fosse grande pela sua esperança e quem fosse grande pelo seu amor; mas Abraão foi maior do que todos, grande pela fortaleza cuja força é fraqueza, grande pela sabedoria cujo segredo é loucura, grande pela esperança cuja forma é insânia, grande pelo amor que é ódio para consigo próprio.¹⁰

Abraão recebe uma ordem de Deus para sair de sua terra, deixar a casa de seu pai, deixar a família e ir para a terra que Deus irá lhe mostrar, e assim ele o fez, pois Deus havia prometido fazer dele uma grande nação cujo nome seria exaltado e seria também uma fonte de bênçãos. Abraão troca a certeza de sua terra, uma vida definida, racional, por uma ordem vinda de Deus, ele acredita que de fato é eleito de Deus e por causa disso ele crê nessa bênção,

¹⁰ Ibidem. P. 66-67.

troca a razão pela fé, se não tivesse deixado de lado o entendimento terreno jamais sairia da sua terra. Movido por essa fé foi capaz de ir para uma terra estranha longe de sua terra natal, sendo considerado estrangeiro na terra prometida.

Por causa de sua fé, Abraão recebeu uma promessa: “Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu, e como a areia na praia do mar. Ela possuirá a porta dos teus inimigos, e todas as noções da terra desejarão ser benditas como ela, porque obedeceste à minha voz.” (Gênesis 22, 18-19). Apesar do tempo estar passando diante de seus olhos, Abraão via que Sara se tornara uma mulher de idade avançada e não havia concebido criança alguma, mas não olhava com desconfiança para sua mulher, ele continuou acreditando na promessa feita por Deus, permaneceu firme em sua fé, se ele tivesse duvidado, abriria mão de tal promessa. Se Abraão tivesse dúvida não seria capaz de fazer o que fez, teria cometido um ato não tão grandioso. Kierkegaard diz: “Mas Abraão acreditava e não duvidada, acreditava no irrazoável. Se Abraão houvesse duvidado, haveria de ter feito uma outra coisa, grande e magnífica; pois que outra coisa poderia Abraão fazer que não fosse grande ou magnífica!”¹²

Não tivesse Abraão acreditado, e Sara teria certamente morrido de aflição e Abraão mergulhado nesse pesar, não teria entendido o cumprimento da promessa, ter- lhe- ia sorrido como se sorri de um sonho de juventude. Mas Abraão acreditou, por isso era jovem, pois envelhece quem desiludido da vida tem sempre esperança no melhor, e quem está sempre preparado para o pior envelhece mais cedo; mas quem acredita conserva uma eterna juventude. Seja por isso louvada aquela história! Pois que Sara, apesar de avançada na idade, teve a necessária juventude para acolher o prazer de ser mãe, e Abraão, apesar de encanecido, teve a necessária juventude para desejar ser pai.¹³

¹¹ Abraão deixa de lado a sua vida, todos os bens que havia adquirido para seguir uma ordem divina, é onde diz-se que houve a troca da razão pela fé. Ver nota 2 sobre a concepção de fé.

¹² KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D' Água Editores, Dezembro de 2009. P. 72.

¹³ Ibidem. P.70.

Quando Deus ordena o sacrifício a Abraão, ele levanta cedo no dia seguinte para cumprir a ordem. Não parece que Abraão percebe que sacrificar o filho é algo de grande seriedade, teve suas dúvidas, mas em momento algum ele deixou transparecer, recolheu-se em seu silêncio.

Abraão nada disse a sua esposa Sara nem a outra pessoa, se dissesse alguém seria capaz de entender? O futuro de Isaac estava nas mãos de Abraão, mãos que estavam empunhando uma faca, e Abraão sabia que aquela era a coisa mais terrível que Deus poderia lhe pedir e mesmo assim sabia que sendo Deus a pedir, nenhum sacrifício é severo o bastante.

Aos olhos de Johannes de Silentio, por causa de sua fé, Abraão ficou cego diante da ordem dada por Deus, o que provavelmente fez com que as dúvidas fossem deixadas de lado.

Quem fortaleceu o braço de Abraão, quem lhe segurou a mão direita para que desfalecida ela não afundasse? Quem tal contempla fica paralisado. Quem fortaleceu a alma de Abraão para que não se lhe escurecesse o olho e assim não enxergasse Isaac, nem o cordeiro? Quem tal contempla fica cego. E será talvez raríssimo, no entanto, haver alguém que fique paralisado ou cego, e mais raro ainda haver quem condignamente narre o que aconteceu. Todos nós o sabemos: foi apenas uma provação.¹⁴

Por causa dessa cegueira, Abraão não consegue lançar um olhar indeciso para o monte Moriá, não é capaz de enxergar o cordeiro que estava preso pelos chifres, e provavelmente não foi capaz de ver Isaac na sua frente pronto para ser imolado por suas próprias mãos. O ato de Abraão, segundo o autor, foi um ato de grande coragem, praticamente impossível de ser imitado por pessoas fracas.

Johannes de Silentio considera Abraão um grande homem, porque ele foi capaz de acreditar em Deus mesmo quando Ele ordenou o holocausto de seu amado filho, tornou-se grande por ir ao monte Moriá cumprir essa ordem que para as outras pessoas pode ser considerado um ato de loucura, mas para aqueles que analisam o ato de Abraão utilizando a fé são capazes de ver um dos maiores atos de sabedoria que já foi feito, pois foi sábio o bastante para ter

¹⁴ Ibidem. P.74.

fé na profecia feita anteriormente por Deus e teria como foco apenas o momento que foi ordenado o sacrifício. A esperança que Abraão sempre demonstrou desde o momento que lhe foi prometido que Sara geraria uma criança, os mais fracos achariam tal promessa algo insano, pois Sara era mulher de idade avançada e principalmente, era estéril. Mas Abraão teve esperança, esperança essa que carregou consigo até o momento que empunhou a faca.

Alvaro Valls em seu livro *Entre Sócrates e Cristo* fala que Johannes quer louvar a fé, e com isso fazer um elogio a Abraão. Ele diz que entender Abraão é algo difícil pois quando Deus encarrega Abraão de matar seu filho, há uma contradição, pois: “Abraão não só ama Isaac e enquanto pai tem o dever de cuidar do filho, mas sabe que Isaac é o Filho da Promessa: é através dele que Deus prometeu sua posteridade, e cumprirá a promessa. Quando Deus lhe ordena matar Isaac, Deus se contradiz, ao menos aparentemente.”¹⁵ E Abraão ao receber a ordem obedece cegamente, Alvaro diz que ele não entende mas obedece.

A atitude de Abraão é a atitude da fé, que muita gente confunde com a atitude socrática. O autor diz que o movimento da fé é um movimento duplo. O salto tem aqui dois momentos. O movimento socrático, irônico, é o salto que se lança para as alturas, sacrifica tudo, decola, sai do chão, abandona o finito, abandona as belezas, as riquezas, as meninas bonitas, os belos corpos, as belas ideias, a bela ciência, abandona tudo e fica só com a ideia, abstrata, do bem.¹⁶

¹⁵VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*/ Alvaro Luiz Montenegro Valls. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P.182

¹⁶ Ibidem. P. 182.

2 DEVER PARA COM DEUS

Em *Temor e Tremor*, Johannes diz que a ética reside no geral, ela é o universal, e também é divina. O autor diz que devido a isso:

qualquer dever é, no fundo, dever para com Deus, mas se não é possível dizer mais nada, esta a dizer-se ao mesmo tempo que não tenho propriamente qualquer dever para com Deus. O dever torna-se dever ao ser referido a Deus, mas não é pelo dever em si mesmo que entro em relação com Deus. Também é dever amar o próximo, o que é dever por via de ser referido a Deus; neste dever não entro todavia em relação com Deus, mas com o próximo a quem amo.¹⁷

Gimenes, em seu livro *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*, diz que todo dever ou obrigação se torna algo para com Deus. O geral parece se cobrir com um caráter divino, ou seja, essa relação parece ser mediada pelo universal e não por Deus. “O dever deve referir-se a Deus, no dever em – si eu não encontro Deus, mas me relaciono com ele. Para nosso autor, por exemplo, o amor ao próximo é sempre referente a Deus.”¹⁸

Johannes fará uma crítica a Hegel, pois acha que ele não consegue ver o paradoxo da fé. Ricardo Gouvêa, no seu livro *Paixão pelo Paradoxo*, diz que a lógica dialética hegeliana além de ter eliminado todos os paradoxos, ele também eliminou a possibilidade de um paradoxo, esvaziando o conceito de todo o seu significado. E Kierkegaard utiliza os paradoxos, segundo Gouvêa, por achar que são fundamentais para a comunicação das mais profundas verdades da religião. Hegel não percebe que o interior é superior ao exterior, que o ímpar é superior ao par.

O paradoxo da fé consiste no facto de o singular ser superior ao universal, no facto de o singular, recordando uma distinção dogmática agora mais rara, determinar a sua relação com o universal através da sua relação com o absoluto através da sua relação com o universal. Pode também exprimir-

¹⁷ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 127.

¹⁸ PAULA, Marcio Gimenes de. *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*/ Marcio Gimenes de Paula. – São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. P. 117.

se o paradoxo como sendo um dever absoluto para com Deus; pois nesta relação de dever, o singular, na sua qualidade de singular, relaciona-se de maneira absoluta com o absoluto.¹⁹

Gouvêa ainda diz:

Há, porém, um grande perigo aqui. Um contra o qual Kierkegaard constantemente alertou seus leitores. O perigo é que se chegue a acreditar que todo e qualquer paradoxo pode e deve ser resolvido ou “guardado” (aufgehoben) numa conceitualização mais elevada e não-paradoxal. Isto envolve, necessariamente, a crença na supremacia da razão. É verdade que o fato de se poder compreender alguns paradoxos por meio da redefinição de conceitos não significa uma negação do paradoxo per se, nem uma afirmação da possibilidade da eventual resolução de todos os paradoxos pela razão humana. No entanto, o processo de assimilação proposto por Hegel implicava a negação da existência de paradoxos, e conseqüentemente, a aniquilação da própria noção de paradoxalidade.²⁰

Em *Temor e Tremor* é feita uma crítica à nova filosofia que fez a substituição do imediato pela fé, pois não há necessidade de fé para isso. Um movimento infinito, sem opinião, precede a fé. Dessa forma, é possível que se possua fé sem compreendê-la.

A fé aparece agora, de alguma maneira, na companhia relativamente trivial dos sentimentos, da disposição, da indiossincrasia, dos vapeurs, etc. Se bem que a filosofia possa até ter razão quanto a não se dever ficar parado na fé. Nada há, todavia, que possa justificar este uso da linguagem por parte da filosofia. Antes da fé, ocorre um movimento da infinitude, antes que a fé entre nec opinare por força do absurdo. É claro que posso entender tudo isso sem contudo admitir que tenho fé. Se a fé não for uma coisa diferente do que a filosofia argumenta, pois que Sócrates já teria avançado muito mais – em vez disso, passou-se o contrário, nem da fé se beirou. Fez o movimento da infinitude de um ponto de vista intelectual. A ignorância de Sócrates é a resignação infinita. Já esta tarefa é apropriada para as forças humanas apesar de no nosso tempo ser desconsiderada; mas só quando é

¹⁹ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 130.

²⁰ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã*. Fonte Editorial. 2006. P.174.

cumprida, só quando o singular se esgotou no infinito, só então se atingiu o ponto em que a fé pode irromper.²¹

Para Johannes de Silentio no dever para com Deus o indivíduo se refere ao absoluto, tendo em vista que no paradoxo da fé o indivíduo supera o universal, é superior ao universal, se relaciona com o universal tendo o absoluto como base, e não o absoluto em referência ao universal. E isso não forma uma eliminação da ética, e sim uma readaptação do que havia sido limitado ao relativo. Isso não quer dizer que o dever deve ser suprimido, ele apenas sofre uma adaptação, o que era compromisso para com Deus passou para o amor ao próximo, o que do ponto de vista ético, é diferente do dever. Já Alvaro Valls, em seu livro *Entre Sócrates e Cristo*, diz que um mandamento ordena o amor cristão e isso faz com que seja um dever. Ele diz:

O amor cristão desce do céu e se volta para o homem concreto. Não é que se Deus não te amasse eu não te amaria de jeito nenhum, mas sim que se ficasses horrorosa eu te amaria porque Deus te ama. Este então é um amor diferente, um amor de dever.²²

Gimenes, em seu livro *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard*, diz que a partir desse ponto de vista ético, o coletivo social é quem faz a mediação desse dever.

Johannes diz que caso isso não aconteça, “a fé deixará então de ter o seu lugar na existência – logo a fé é uma *tentação* e Abraão está perdido porque a ela cedeu.”²³

Gouvêa, no seu livro *Paixão pelo Paradoxo*, diz que o paradoxo não pode ser anulado. E é somente quando reconhecemos os limites da razão humana que podemos aceitar que esse paradoxo não só existe como é insolúvel. Ele diz:

Eventualmente chega-se ao ponto onde, humanamente falando, o paradoxo não pode mais ser explicado. A menos que acreditemos que, em algum sentido, somos divinos, temos que admitir que o paradoxo vencerá por fim,

²¹ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 129-130.

²² VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. *Entre Sócrates e Cristo. Ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. EDIPUCRS, Porto Alegre 2000. P.192.

²³ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 130.

pois ele é aquilo que a compreensão não pode compreender; e a compreensão humana tem que ter um limite, pelo menos se continua a ser meramente humana.²⁴

O fato desse paradoxo estar assentado no fato do singular ser apenas o singular, faz com que não seja necessário nenhuma mediação. Quando o singular toma consciência de que quer expressar o seu dever absoluto no universal, percebe que é ele quem está em tentação, e não será capaz de cumprir o dever absoluto, e devido a isso pecará se não o cumprir. Devido a isso mesmo que Abraão falasse para outra pessoa que amava Isaac e que não queria oferecer seu filho em holocausto, ele não teria outra opção a não ser seguir a ordem imposta por Deus, caso contrário estaria pecando.

A ética diz que o pai ama o filho, ou seja, Abraão ama Isaac. Essa relação ética foi reduzida a uma relação relativa em contradição com a relação absoluta com Deus. Segundo Gimenes a ética relativa é oposta à ética absoluta para com Deus. Ao perder a instância intermediária, o paradoxo perde o geral, perde seu ponto intermediário, dando por um lado expressão ao supremo egoísmo, ou seja, faz algo terrível e isso é feito por sua própria vontade, e por outro lado ao fazer por causa de Deus, expressa a mais absoluta devoção. Se a fé fosse mediada pelo universal ela seria anulado por ele.

A fé é este paradoxo e o singular não pode fazer-se entender seja por quem for. Pode até imaginar-se que o singular é capaz de ser entendido por outro singular que se encontre no mesmo caso. Uma observação deste gênero seria insustentável, se no nosso tempo no houvesse quem tentasse de tantas maneiras introduzir-se insidiosamente no que é grande. Nem há sequer um único só cavaleiro da fé que possa auxiliar outro. Ou o próprio singular se torna cavaleiro da fé ao assumir para si o paradoxo, ou nunca chegará a sê-lo.²⁵

A fé não possui nenhum tipo de mediação, é algo do indivíduo:

Fosse todavia possível determinar ainda com suficiente rigor, falando de uma maneira geral, o que haveria para entender por intermédio de Isaac (seria, de resto, a mais ridícula das contradições – colocar sob

²⁴ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã*. Fonte Editorial. 2006. P.174.

²⁵ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 131.

determinações universais o singular que se encontra precisamente fora do universal, devendo contudo agir exactamente na sua qualidade de singular que está fora do universal), e nunca o singular seria todavia capaz de o confirmar através de outros singulares de uma forma melhor do que através de si próprio, na sua qualidade de singular. Por conseguinte, por mais que um homem fosse tão covarde e vil a ponto de querer tornar-se cavaleiro da fé à custa da responsabilidade alheia, não passaria contudo a sê-lo; pois o singular apenas se torna cavaleiro da fé na sua qualidade de singular; isto é o grande, como posso perfeitamente entender sem haver aí chegado, pois falta-me a coragem; mas isto é também o horrível, coisa que consigo entender ainda melhor.²⁶

Ricardo Gouvêa, no seu livro *Paixão pelo Paradoxo*, diz que a fé não é algo que vai contra a razão ou uma presunção cega, e algo que é capaz de alcançar acima e além da razão e não pode ser assimilada de forma racional. E a fé não se limita a um ato particular, ela é um caso de carácter ou ação habitual. E não é algo que acontece só uma vez, ela é uma ação contínua que, segundo ele, representa um modo de ser- no- mundo. Gouvêa ainda diz que:

Fé é uma atividade que vive de Cristo, do saber de Cristo e querer de Cristo, uma vida de união com Cristo. Nós podemos até confiar em Deus o Pai, mas é apenas quando aplicamos a fé ao Filho encarnado que é vindicado pelo Espírito, que nossa fé se torna trinitária, e é por isso, verdadeiramente cristã. Confiar no Pai é confiar no Filho, e confiar no Filho é confiar no Pai por meio do Espírito. Mas ainda, não podemos separar a confiança nesta pessoa da confiança em sua obra, ou seja, sua vinda encarnada, sua obediência, sua proclamação e ensinamento, sua vida e ministério exemplares, sua morte reparadora e ressurreição vindicadora, e a prometida Parousia. A fé de Kierkegaard incluía a fé em todos os dogmas dos credos ecumênicos.²⁷

Johannes critica o cristianismo que não fala sobre a importância do indivíduo por causa de uma suposta humildade: “Terá porem de ter a dignidade de não explicar essa falta de coragem como humildade, quando pelo contrário se trata de orgulho, ao passo que a coragem da fé é a única coragem humilde.”²⁸. Pois, como

²⁶ Ibidem. P. 131- 132.

²⁷ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo*. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã. Fonte Editorial. 2006. P.149.

²⁸ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D’Água Editores, Dezembro de 2009. P. 133.

diz Ricardo Gouvêa no seu livro *Paixão pelo Paradoxo*, no cristianismo a fé não envolve apenas um entendimento doutrinal, confiança ou confiança, ou até mesmo a submissão, ela envolve outras noções que são paralelas, como por exemplo: crença, esperança, fidelidade, e firme convicção.

A ênfase na confiança e na relação pessoal subjetiva não minimiza a confiança objetiva da fé cristã do indivíduo. A ideia cristã de fé pressupõe que aquilo em que se acredita é verdadeiro e digno de confiança. Fé pressupõe a verdade daquilo que é conhecido (e assim um tipo de conhecimento objetivo). Não se pode ser salvo por algo que não é verdadeiro.²⁹

Deus exige amor absoluto, quando reclama o amor de alguém, exige-se que a pessoa abra mão de tudo, que abandone sua casa, sua família, abandone tudo aquilo que ama e passe a amá-lo com exclusividade. Esse dever absoluto para com Deus levaria o indivíduo a fazer algo que vai em contradição com a ética, mas não seria capaz de impedir o indivíduo de amar. Abraão vai sacrificar Isaac porque o ama, o garoto é para o pai um presente de Deus. Do ponto de vista ético, Abraão é um assassino. Esse paradoxo da fé tem por companhia angústia e tribulação.

Segundo Johannes, a diferença entre o herói trágico e o cavaleiro da fé reside no fato de que o herói trágico faz uma renúncia de si para poder exprimir o universal, enquanto o cavaleiro da fé renuncia ao universal para poder se converter em indivíduo, devido a isso, Abraão não é um herói trágico, e sim um cavaleiro da fé. Havendo um grande conflito entre o universal e o indivíduo.

Quem acreditar que é bastante fácil ser o singular pode ter sempre a certeza de que não é cavaleiro da fé; pois aves vadias e gênios vagabundos não são homens de fé. Pelo contrário, este cavaleiro sabe como é magnífico pertencer ao universal. Sabe como é belo e salutar ser o singular que se traduz a si próprio para o universal, que por assim dizer se encarrega de uma edição limpa e elegante e, tanto quanto possível, impecável e legível para todos; sabe como é reconfortante ser inteligível dentro do universal, de modo a que ele o entenda e que cada singular que o entenda nele entenda por sua vez o universal, e que ambos se regozijem por meio da certeza do universal. Sabe como é belo nascer como o singular que tem no universal a

²⁹ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã*. Fonte Editorial. 2006. P.150.

sua casa, o abrigo protector que logo o recebe de braços abertos quando aí quer ficar. Mas sabe ao mesmo tempo que acima desse abrigo serpenteia um caminho ermo, estreito e íngreme; sabe como é horrível nascer solitário, fora do universal, e seguir sem encontrar um único caminhante. Sabe muito bem onde está e como se relaciona com os homens. Dito de maneira humana, perdeu o tino e não se faz entender por ninguém. E faltar-lhe o tino é contudo a mais branda das expressões. Não seja ele considerado como tal e será nesse caso uma hipócrita, e quanto mais alto subir no caminho, mais horrível será a sua hipocrisia.³⁰

O herói trágico apesar de superar a moral, ele permanece no universal. O que o torna bem diferente do cavaleiro da fé que é solitário, o cavaleiro da fé não possui um repouso no universal, e apesar disso tudo ainda tem que viver grandes esforços. É devido a isso que o sacrifício de Abraão, apesar de não ter tido utilidade para o universal, é justificado.

Quem poderá garantir que Abraão jamais pensou em ter uma tarefa simples de pai: amar o filho? Poderia também desejar que sendo sua tarefa sacrificar Isaac de modo que servisse de inspiração para os outros pais, sendo esse sacrifício algo para o universal. Mas ele saberia que esses desejos seriam tentações e deveriam ser tratados como tentações, o caminho de Abraão era solitário e ele sabia disso. Em momento algum Johannes diz que a fé de Abraão é algo irracional o que Johannes diz é que a fé de Abraão pode ser considerada uma forma de “loucura divina”, e isso não quer levar-nos a pensar a irracionalidade da fé e sim na sua transcendentalidade. Devido a isso Ricardo Gouvêa, no seu livro *Paixão pelo Paradoxo*, diz que a fé de Abraão não era ofensiva a seu entendimento, uma vez que estava fundamentada na natureza de Deus como imutável, infinito e onipotente amor.

E quando há o questionamento sobre o que Abraão fez para o universal, Johannes diz:

Deixai que vos fale disto de uma forma bem simples e humana! Precisou de setenta anos para obter um filho na velhice. Para obter o que outros bem depressa recebem e longamente gozam, necessitou de setenta anos; e porquê? Porque é posto à prova e sujeito a tentação. E isto não será falta de senso?! Mas Abraão acreditava, só Sara vacilou e o fez tomar Hagar como concubina; mas por esse motivo teve ele igualmente de a expulsar. Recebe Isaac – e há-de ser então posto à prova novamente. Sabia como é

³⁰ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009. P. 135-136.

magnífico exprimir o universal, como é magnífico viver com Isaac. Mas não é esta a sua tarefa. Sabia que é soberano sacrificar semelhante filho pelo universal, ele próprio haveria de encontrar repouso nesse gesto e todos os que celebrassem o seu feito haveriam de nele repousar, tal como a vogal repousa na consoante; mas não é esta a sua tarefa – é posto à prova. Aquele general romano que ganhou fama com o nome de Cuntactor imobilizou o inimigo recorrendo a manobras de protelamento – e comparado com ele, que espécie de protelador será porém Abraão? – mas não salvou o Estado. É este o conteúdo de cento e trinta anos. Quem poderá suportar tal coisa? – Não haveriam de dizer os seus contemporâneos, caso fosse aqui possível falar de contemporâneos: << Há um eterno protelamento em Abraão; acabou por receber um filho, o que até demorara bastante, e quer agora sacrificá-lo – não será falta de juízo?! E se ao mesmo explicasse por que o faz – mas está sempre a dizer que é provação.>> Nada mais poderia Abraão sequer explicar, pois sua vida é como um livro posto sob o julgo divino e não fica *publici júris*.³¹

Johannes diz que o herói trágico, mesmo aquele que foi submetido a tentações quando vê o terrível, mostra que não possui coragem para entender os atos do cavaleiro da fé, isso faz com que esse herói tenha noção da imensa glória que o cavaleiro é capaz de alcançar. Ele se torna amigo de Deus, um confidente, “falarei agora de uma maneira simples e humanamente clara, trata Deus por <<tu>> nos céus, ao passo que o herói trágico apenas se lhe dirige na terceira pessoa.”³²

O sofrimento do herói trágico chega ao fim de modo rápido, ele realiza o movimento da infinitude e permanece em segurança no universal. Já o cavaleiro da fé permanece sempre desperto, pois sofre provações constantemente e sempre há a possibilidade de voltar para o universal de forma arrependida, e segundo Johannes essa possibilidade pode ser tanto uma verdade quanto uma tentação. E ninguém pode explicar tal fato, pois se assim o fizer estará fora do paradoxo.

Gimenes, no seu livro *Socratismo e Cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*, diz que o indivíduo é capaz de decidir se está em uma crise religiosa ou se é cavaleiro da fé. Será isolado e solitário se for cavaleiro da fé. E somente o falso cavaleiro da fé será alguém que é intolerante, intransigente, será um sectário, e segundo Johannes, não passará de um herói trágico barato. O

³¹ Ibidem. P. 136-137.

³² Ibidem. P. 138.

cavaleiro barato irá depender de conselhos do universal e de conselheiros, enquanto o cavaleiro da fé é o contrário da mediocridade desses intransigentes, dos sectários.

Ao invés, o cavaleiro da fé é o paradoxo, o singular, absoluta e unicamente o singular, sem afinidades nem redundâncias. Eis aqui o terrível, aquilo que a tibieza do sectário não consegue suportar. No fundo, em vez de aprender com isso que não tem capacidade para fazer o grande, em vez de o confessar abertamente – coisa que só posso aprovar, como é natural, pois é o que eu próprio faço –, o pobre diabo pensa que conseguirá fazê-lo, unido-se a outros pobres diabos. Mas não é assim que as coisas se passam; no mundo do espírito não se toleram embustes. Uma dúzia de sectários dá os braços, sem nada conhecerem da solitária tentação que aguarda o cavaleiro da fé e de como ele não ousa fugir, porque seria ainda bem mais terrível se ele tivesse o arrojo de prosseguir. Os sectários abafam-se mutuamente com algazarra e barulheira, e mantêm a angústia à distância com essa gritaria; esta manada de bestas ululantes pensa que vai escalar os céus, pensa que segue pelo mesmo caminho do cavaleiro da fé, o qual, na solidão do universo, jamais ouve qualquer voz humana, antes segue sozinho com a sua terrível responsabilidade.³³

O cavaleiro da fé está só, apesar da dor de não ser entendido pelos outros de modo algum ele quer encaminhar as pessoas, já o falso cavaleiro sente uma atração por essa ideia. O verdadeiro cavaleiro da fé dispensa a orientação de outras pessoas, ele não precisa ser guiado, é apenas uma testemunha e nunca mestre: “O cavaleiro da fé está unicamente entregue a si próprio, sente a dor de não se fazer entender pelos outros, sem que todavia sinta qualquer vão desejo de querer encaminhar os outros.”³⁴

Johannes diz que deve haver um dever absoluto para com Deus, pois caso contrário não haveria fé e Abraão já teria sido superado:

Ou há então um dever absoluto para com Deus e é um dever semelhante ao paradoxo acima descrito, o de o singular na sua qualidade de singular estar acima do universal e na sua qualidade de singular se encontrar em relação absoluta com o absoluto; ou então também a fé nunca existiu

³³ Ibidem. P. 139-140.

³⁴ Ibidem. P. 139

porque a fé sempre existiu, ou então também Abraão está perdido, ou então também tem de se explicar o versículo do capítulo 14 de Lucas, como um certo esmerado exegeta* o fez, e do mesmo modo os passos correspondentes, bem como outros semelhantes.³⁵

*Quando o autor usa a expressão “esmerado exegeta” ele a faz de modo irônico. Está criticando tanto a cristandade quanto a Hegel, pois na visão de Kierkegaard, ambos são atenuantes do cristianismo genuíno.

³⁵ Ibidem. P. 140-141.

3 SUSPENSÃO TELEOLÓGICA DO ÉTICO

Johannes de Silentio quando fala sobre a ética, afirma que ela reside no geral, no universal, e esse universal segundo o autor, é o que “se aplica a qualquer um, o que por sua vez pode assim exprimir-se: é aplicável a qualquer momento.”³⁶. Essa ética tem a si própria como base e ela também constitui o seu próprio *telos**.

O autor utiliza o termo *geral* em contraposição a outro termo: *individual*, e esse é um tema fundamental na filosofia de Kierkegaard. O termo *geral* é usado em momentos específicos, Marcio Gimenes, em seu livro *Socratismo e Cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*, diz que: “*Geral* equivale, portanto, a uma sociedade estabelecida com normas e padrões determinados; já o termo indivíduo equivale a uma pessoa única na sua integridade. Com efeito, essa distinção também denota um tempo determinado.”³⁷. Kierkegaard diz que o singular possui o seu *telos* no universal e que sua tarefa ética é revelar a sua singularidade para esta se converta no universal, e quando o singular tenta usar sua singularidade no universal, comete um erro, e para que possa se reconciliar com o universal, é necessário reconhecer esse erro.

“Determinado espiritual e sensivelmente de maneira imediata está o singular, o singular que possui o seu $\tau\epsilon\lambda\omicron\varsigma$ no universal. Assim que o singular quer aplicar a sua singularidade perante o universal, então peca, e é apenas ao reconhecer o seu pecado que pode reconciliar-se novamente no universal.”³⁸

³⁶ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D’Água Editores, Dezembro de 2009. P. 111.

* Em grego: “fim” ou “finalidade.”.

³⁷ PAULA, Marcio Gimenes de. *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*/ Marcio Gimenes de Paula. – São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. P.112.

³⁸ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D’Água Editores, Dezembro de 2009. P. 112.

Após o singular ter feito parte do universal tem um desejo de também utilizar-se como singular, isso faz com que cai em *tentação* e apenas o arrependimento fará com que se depreenda disso, deve renunciar a si no que diz respeito da sua qualidade de singular no universal. Johannes diz que o indivíduo vive no geral, e devido a isso a ética se liga ao geral, mesmo local onde acontece a felicidade humana.

“Se é isto o máximo que há a dizer sobre o homem e sobre a sua existência, então o ético é da mesma natureza da felicidade do homem, a qual para toda a eternidade e em cada instante constitui o seu *τελος*, pois seria uma contradição que houvesse de ser abandonado (i. e., suspenso teleologicamente), pois assim que for suspenso não se retalha, antes se conserva precisamente no que lhe é superior que é o seu *τελος*.”³⁹

Ao fazer essa comparação entre o geral e o individual, Kierkegaard, de certa forma, faz uma crítica a Hegel. Uma vez que a filosofia hegeliana busca uma unidade ética. Johannes diz que Hegel tem razão quando em *O Bem e o Consciência* fala que o homem deve ser determinado como singular, e que também tem razão quando considera essa determinação como uma “forma moral do mal”, nas palavras do autor, o que irá se relevar na teleologia da moral, que é o que acontece quando o singular permanece dessa forma, ele entra em tentação ou peca.

Mas, Johannes diz que Hegel não tem razão quando fala da fé, ele diz:

“Ao invés, Hegel não tem razão ao falar da fé; perde a razão por não contestar, alto e bom som, o facto de Abraão gozar de honra e glória como pai da fé, ao passo que devia ser apresentado a tribunal e denunciado como assassino.”⁴⁰

A fé, segundo o autor, é o paradoxo onde o singular é superior ao universal, mas há uma forma de como o movimento é feito, e o autor diz que isso deve ficar bem claro: após o singular passar pelo universal, é necessário isolar o singular como superior ao universal. “Se não for isto a fé, Abraão estará

³⁹ Ibidem. P. 112.

⁴⁰ Ibidem. P. 113.

então perdido, nunca no mundo a fé terá existido precisamente porque sempre existiu.”.⁴¹ Abraão é um homem de fé, não porque segue o que é pregado por determinada religião, ele possui uma fé que provêm do seu relacionamento com Deus, Abraão possui uma fé individual. Ele recebe uma ordem divina e desafia a ética para cumprir tal ordem.

“Essa ética também não pode ser suspensa, pois isso equivaleria a perdê-la, visto que ela está no domínio superior (seu telos). O indivíduo que está fora do geral, ou está pecando ou está em crise; segundo Hegel, isso é uma forma ética do mal.”⁴²

Segundo Johannes, essa concepção de Hegel é algo equivocado, pois na fé o indivíduo permanece acima do geral, e essa concepção hegeliana não consegue ver nem o paradoxo da fé, e muito menos Abraão. Johannes diz que o motivo pelo qual Hegel não é capaz de ver o paradoxo da fé é porque ele não contempla o indivíduo na Grécia antiga. “Hegel ainda está preso à ética e às formas éticas antigas. Segundo o filósofo alemão, além da ética só pode haver o mal; já em *Temor e Tremor* é observado o ilimitado.”⁴³

O autor diz que é possível explicar a existência , incluindo a fé, sem o menos ter uma ideia do que é fé:

“É fácil explicar toda a existência, incluindo a fé, sem ter uma ideia do que é a fé, e não se engana mais nas contas da vida quem calcula vir a ser admirado por possuir tal explicação- pois como dizia Boileau: um sot trouve toujours un plus sot, qui l’amire. A fé consiste precisamente no paradoxo de o singular enquanto singular ser superior ao universal, estar justificado perante ele, não ser seu subordinado, mas sim supra – ordenado, embora seja de destacar a forma como o faz: o singular depois de ter estado como singular sob as ordens do universal, transforma-se agora novamente através do universal no singular que enquanto singular lhe é superior; e o singular enquanto singular encontra-se em relação

⁴¹ Ibidem. P. 113.

⁴² PAULA, Marcio Gimenes de. *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*/ Marcio Gimenes de Paula. – São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. P.113.

⁴³ Ibidem. P. 113.

absoluta com o absoluto.”⁴⁴

Para o autor, ou a fé é esse paradoxo ou a fé nunca existiu porque sempre existiu, e segundo Johannes há uma terceira opção: ou Abraão está perdido.

Para o singular, esse paradoxo se confunde com uma tentação, mas isso não significa que ela deve ser escondida. Johannes diz que muitos, devido a sua formação, irão repudiá-lo, mas não se deve fazer da fé algo diferente para que seja possível também conseguir ter fé.

“é antes preferível confessar que não se tem fé, ao passo que quem a tem deveria ponderar em estabelecer alguns critérios para que fosse possível distinguir entre o paradoxo e a tentação.”⁴⁵

Tal suspensão teleológica do ético se assemelha com a suspensão presente na história de Abraão. Ele representa a fé, e sua vida é um paradoxo que não pode ser pensado devido à sua grandiosidade. Johannes diz que Abraão age movido pelo absurdo, pois este repousa no fato de ser superior ao universal enquanto singular. Esse paradoxo não pode ser mediado “pois assim que Abraão principia, tem de confessar que fica em *tentação* e, se assim for, nunca chegará a sacrificar Isaac ou, se sacrificou Isaac, terá então de regressar ao universal na condição de arrependido.”⁴⁶

Ricardo Gouvêa, em seu livro *Paixão pelo Paradoxo*, diz que esse paradoxo da fé é algo que não pode ser anulado, sendo capaz de chegar a um ponto que não pode mais ser explicado de forma humana.

“A menos que acreditemos que, em algum sentido, somos divinos, temos que admitir que o paradoxo vencerá por fim, pois ele é aquilo que a compreensão não pode compreender; e

⁴⁴ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D' Água Editores, Dezembro de 2009. P. 114.

⁴⁵ Ibidem. P. 115.

⁴⁶ Ibidem. P. 115.

a compreensão humana tem que ter um limite, pelo menos se continua a ser meramente humana.”⁴⁷

Ele diz que podemos aceitar a insolubilidade e a existência do paradoxo, apenas quando reconhecemos os limites da razão humana. E é isso que Kierkegaard tinha por intenção dizer quando usou a expressão “em virtude do absurdo”, isso quer dizer em virtude dos limites da razão humana e do discurso racional.

Abraão só poderá ter Isaac de volta por força do absurdo. Johannes diz que Abraão é ou um crente ou um assassino, e não um herói trágico. Segundo Gimenes, quando analisamos de forma religiosa, Abraão não é um herói trágico e sim um crente, ou um assassino, se for visto de forma ética, não há uma intermediação entre eles. John Lippitt, em *Routledge Philosophy guidebook to Kierkegaard and Fear and Trembling*, diz que uma maneira de contornar a questão é se escondendo atrás das sutis mudanças da linguagem. E isso pode acontecer de duas formas segundo o autor: pode acontecer por chamar Abraão grande, como se Abraão tivesse adquirido direitos sobre o título de grande homem, de modo que tudo o que ele faz é grande, ou ligando para a sua ação um sacrifício ao invés de um assassinato. A expressão ética para o que Abraão fez é que ele estava disposto a matar Isaac, a expressão religiosa é que ele estava disposto a sacrificar Isaac.

Lippitt diz que Johannes faz questão de deixar claro o imenso amor que Abraão sentia por seu filho, Isaac, e além disso ressalta que Abraão é um homem devoto e temente a Deus. Tudo isso para que fique explícita a diferença entre Abraão e um assassino cruel, sem coração.

O próprio autor se considera incapaz de compreender Abraão mesmo admitindo possuir uma grande admiração por ele.

“Sou portanto capaz de entender um herói trágico, mas não entendo Abraão, embora em sentido um tanto delirante o

⁴⁷ GOUVÊA, Ricardo Quadros. Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã. Fonte Editorial. 2006. P. 174.

admire mais do que todos os outros.”⁴⁸

Lippitt diz que, falar da dificuldade de compreender Abraão poderia dar a impressão de que há uma dificuldade intelectual. Ele diz que Johannes tenta driblar esse equívoco comparando a compreensão de Abraão com a compreensão de Hegel. A partir do que é dito parece que a dificuldade para compreender a filosofia hegeliana se dá principalmente com relação ao intelecto, as dificuldades no entendimento do conceito, enquanto que com Abraão não é esse o caso. No caso de Abraão, a dificuldade não se encontra no intelecto, e sim com a imaginação. O que ele quis dizer é que as ações do herói trágico são compreensíveis para um observador imaginativo, e esse não é o caso de Abraão.

Ele diz que quando Johannes fala da vida de Abraão, está apontando para a possibilidade de uma vida que pode ser vivida, mas não pensada. Ou seja, os recursos conceituais da filosofia são insuficientes para permitir um estranho como Johannes, a compreender alguns tipos de vidas.

Johannes diz que a diferença entre Abraão e o herói trágico, é algo fácil de notar. O herói trágico permanece dentro do ético, ele deixa que “uma expressão do ético encontre o seu *τελος* numa expressão superior do ético, reduz a relação ética entre pai e filho, ou entre filha e pai, a um sentimento que possui a sua dialéctica na relação com a ideia de moralidade. Não se trata aqui então de falar de uma suspensão teleológica do ético propriamente dita.”⁴⁹

Com Abraão acontece de modo diferente: devido a seu ato, o ético é excedido e atinge-se um *τελος* superior fora do ético, e por causa disso o ético é suspenso.

“Pois muito me agradaria até saber como se estabelecerá uma relação entre o acto de Abraão e o universal, se é possível descobrir qualquer outro ponto de contacto entre o que Abraão

⁴⁸ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D' Água Editores, Dezembro de 2009. P. 115.

⁴⁹ *Ibidem*. P. 118.

fez e o universal, para além do facto de Abraão o ter ultrapassado.”⁵⁰

Abraão não agiu para salvar um povo, nem para proteger o Estado, muito menos para abrandar a ira de Deus. Se ele tivesse sacrificado seu filho Isaac em virtude de um Deus enfurecido que tivesse ameaçado devastar toda uma região, o ato de Abraão possuiria uma relação com o universal. Mas se fosse uma divindade enfurecida com Abraão, o seu ato não teria relação alguma com o universal, o ato de Abraão se tornaria algo do âmbito privado. “Por conseguinte, ao passo que o herói trágico é grande pela sua virtude moral, Abraão é grande por uma virtude puramente pessoal.”⁵¹

Do ponto de vista ético, a relação de Abraão e Isaac é aquela onde o pai deve amar mais o seu filho do que a si mesmo. Mas, segundo Johannes, a ética possui diferentes níveis, e ele fará uma análise da história de Abraão para descobrir se há algo que possa explicar de forma ética a conduta de Abraão com seu filho, sem que se fuja da teleologia do ético.

Mas qual a razão para que Abraão cometa tal ato? Qual o motivo de levar seu único filho a quem tanto ama para ser sacrificado? Filho esse que lhe fora prometido por Deus, Abraão sabia que se o matasse não poderia ter outro filho, mas mesmo assim ele obedece. Ele o faz por causa de Deus e por causa de si. Foi feito por causa de Deus porque este exigiu uma prova de fé, de obediência, e fez por si para poder dar a prova pedida por Deus.

“A unidade daqui resultante encontra-se cabalmente expressa sobretudo nas palavras com que sempre se tem designado este relacionamento: é uma provação, uma tentação. Uma tentação? Mas que quer isto dizer? Ora o que por hábito tenta o homem é exactamente aquilo que o impedirá de cumprir o seu dever, mas aqui a tentação em si mesma é o ético que o impedirá de cumprir a vontade de Deus. Mas o que é então o dever? O dever é exactamente a expressão da vontade de Deus.”⁵²

⁵⁰ Ibidem. P. 118.

⁵¹ Ibidem. P. 118.

⁵² Ibidem. P. 118.

Johannes diz que devido a isso é necessário uma outra forma para entender Abraão. O herói trágico não possui uma relação privada com a divindade, entretanto, “a ética é o divino e o paradoxo aí existente é por isso possível de ser mediado no universal.”⁵³

Gimenes diz que o absurdo coloca o indivíduo acima do geral. E isso é o paradoxo da fé e não uma mera crise religiosa, se Abraão estivesse tendo uma crise religiosa ele não poderia sacrificar Isaac, pois se o fizesse não conseguiria reintegrar-se ao geral. Devido a isso, ele não é um herói trágico. E o herói trágico está preso ao coletivo tendo nele o seu *telos*. E o autor diz que Abraão vai além desse estágio ético, possuindo outro *telos*.

Os motivos de Abraão são pessoais, não permitem que ele esteja voltado ao coletivo. Abraão faz o que faz por amor a Deus, este exige uma prova de fé e Abraão a dá, ele vai até o monte e de fato iria sacrificar seu filho porque Deus disse que ele deveria fazer, e Abraão obedece cegamente, ele age por meio da fé. Se agisse por meio da ética ele cometeria um erro porque não poderia dar a prova que vai até o monte e de fato iria sacrificar seu filho porque Deus disse que ele tem por dever fazer o que Deus manda. A ética de Abraão sofre uma mudança do âmbito coletivo para o particular e pessoal. Ele diz:

Johannes continua seu exercício de identificação imaginativa considerando o que se o que ele teria feito se chegaria aos pés de Abraão. Na realidade, o melhor que ele poderia ter feito, ele nos diz, teria sido "sob o disfarce de herói trágico". O herói trágico tem a coragem de ir até Moriá e estar disposto a realizar o sacrifício - mas a sua atitude para com ele é muito diferente da de Abraão. Sua atitude é de 'renúncia', descrito como um "movimento infinito". Para a pessoa com essa tal atitude, embora ele professe para continuar a amar a Deus, "tudo está perdido".⁵⁴

⁵³ Ibidem. P. 119.

⁵⁴ LIPPITT, John. *Routledge Philosophy guidebook to Kierkegaard and Fear and Trembling*. P.40. [tradução minha]

Quando segue a ordem divina, Abraão renuncia ao seu dever de pai, pois como pai deveria cuidar, proteger seu filho, e ele leva o garoto para ser sacrificado, ao fazer isso Abraão sai do finito – que é seu filho – e vai para o infinito – que é Deus –. Não são os fins que justificam o ato do herói trágico, e sim a sua coragem.

Abraão consegue, ao contrário do herói trágico, realizar o duplo movimento da fé; ele vai para o infinito, retorna ao finito e fica em ambos. Em outras palavras, fica com Deus e com Isaque, o filho da promessa. O herói trágico troca o que é certo pelo ainda mais certo já Abraão não faz trocas, mas faz uma somatória de finito e infinito. O herói trágico chora, Abraão silencia.⁵⁵

Tudo que Abraão faz é em virtude da fé, e sua fé era algo que tinha por base a natureza de Deus, e isso segundo Ricardo Gouvêa, fazia com que essa fé não fosse “ofensiva a seu próprio entendimento”. Durante todo o caminho, ou Abraão era um assassino, ou estávamos diante de um paradoxo que é muito maior que todas as mediações.

Há, na história de Abraão, uma suspensão teleológica do ético. John Lippitt diz que Abraão é uma exceção, ele foi preparado para obedecer a ordem divina. Parece que ele se exclui tanto da ética – que exige que ele não mate seu filho, que é um ser humano inocente–, quanto da sua responsabilidade de pai perante seu filho. Para Lippitt o status que Abraão adquire é algo de grande significado, sua permanência acima da ética é equivalente ao paradoxo onde o único indivíduo é maior do que o universal. E o que faz com que Abraão se torne “superior” é a sua relação direta com Deus, e o que Lippitt ainda ressalta é que Abraão não é capaz de se explicar ao outros utilizando a linguagem.

Ele, enquanto singular se tornou superior ao universal, e esse é o paradoxo que não possui uma mediação. A forma como Abraão entrou nesse

⁵⁵ PAULA, Marcio Gimenes de. *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*/ Marcio Gimenes de Paula. – São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. P.116.

paradoxo é algo inexplicável, assim como o modo que ele conseguiu permanecer nele.

“Se não é esta a situação de Abraão, nem sequer é herói trágico, é antes assassino. Querer continuar a chamar-lhe pai da fé, falar dele a homens, que com nada mais se preocupam além das palavras, é uma insensatez. Um homem é capaz de chegar a herói trágico, muitos haverá que poderão aconselhá-lo; a quem segue pelo estreito caminho da fé ninguém pode dar conselho, ninguém o pode entender. A fé é um prodígio e todavia nenhum homem dela se encontra excluído; pois que toda a vida humana está unida na paixão e a fé é uma paixão.”⁵⁶

⁵⁶ KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D' Água Editores, Dezembro de 2009. P. 125.

CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho era a partir de uma análise do livro Temor e Tremor, descobrir se a partir do momento em que a pessoa está envolvida com a fé, se a ética seria suspensa ou não. Tendo por base a história de Abraão, Johannes mostra que apesar da difícil escolha que Abraão teve que fazer, em momento algum ele expressou qualquer reação de dúvida ou arrependimento, ele é movido pela fé, pelo dever para com Deus, é capaz de levar seu filho, que lhe foi dado na velhice, para ser sacrificado, e isso é feito porque Abraão recebe uma ordem divina para que isso seja feito. Ele só não consuma o ato porque esse mesmo Deus que ordenou a morte de Isaac mandou um anjo para impedir Abraão, fazendo com que este “passasse” em seu teste de fé.

É possível perceber que de fato essa suspensão teleológica do ético existe, mas não em todos os casos, o próprio Johannes deixa bem claro que essa suspensão só acontece na história de Abraão. Ele é uma exceção, é um homem diferente, foi preparado para obedecer a ordem divina. Pois, seria muito fácil que grandes atrocidades fossem feitas tomando por base a fé. Abraão se exclui tanto da ética, que exige que ele não mate seu filho, que é um ser humano inocente, quanto da sua responsabilidade de pai perante seu filho.

O status que Abraão adquire é algo de grande significado, sua permanência acima da ética é equivalente ao paradoxo onde o único indivíduo é maior do que o universal. E o que faz com que Abraão se torne “superior” é a sua relação direta com Deus, e o que se percebe é que Abraão não é capaz de se explicar ao outros utilizando a linguagem. O ato feito por ele foi grandioso e cercado de mistérios, pois não se sabe como ele foi capaz de entrar nesse paradoxo, e mas difícil ainda é compreender como Abraão conseguiu permanecer nele.

REFERÊNCIAS

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã*. Fonte Editorial. 2006.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. *Entre Sócrates e Cristo. Ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. EDIPUCRS, Porto Alegre 2000.

PAULA, Marcio Gimenes de. *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*/ Marcio Gimenes de Paula. – São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

HANNAY, Alastair; MARINHO, Gordon Daniel. *The Cambridge Companion to Kierkegaard*. Cambridge ; Cambridge University Press, 1998

LIPPITT, John. *Routledge Philosophy guidebook to Kierkegaard and Fear and Trembling*.